



OS
CO
MEN
TÁR
IOS
DO
AL

Ⲁ ⲛ
ⲁ ⲁ

ⲛⲓⲛⲓⲛⲓⲛⲓⲛⲓ

ⲛⲓ
ⲛⲓ



FERNANDO LIGUORI
IGNIS ET VOX:
A PALAVRA QUEIMARÁS
NAS ESTRELAS
DA SÉRIE: **O OLHO DE HOOR**

Faz o que tu queres há de ser tudo da Lei.

INTRODUCTIO



Capítulo III de LIBER AL VEL LEGIS inicia com um trovão — não com uma promessa. *Abrahadabra* não é apenas palavra de abertura: é o selo da Obra cumprida, o verbo lançado após a união dos contrários. Este novo Tomo dos COMENTÁRIOS DO AL inaugura o ciclo solar da revelação thelêmica com a precisão de um relâmpago: Ra-Hoor-Khuit toma o centro do palco, já não como promessa, mas como realização viva da Lei.

Neste segundo volume, o leitor terá acesso aos comentários completos de Aleister Crowley e Marcelo Motta — restaurados, anotados, corrigidos e cotejados com precisão doutrinária — além das interpretações de Fernando Liguori (Fratr AHA-ON 777), que complementam, atualizam e expandem os sentidos do texto sagrado no contexto da A:·A:· atual. Trata-se de um comentário triplo: o profeta, o mestre e o herdeiro. E o que se revela não é uma doutrina nova, mas a consumação de uma palavra já plantada — agora em fogo.

Reproduzo abaixo, na íntegra, os comentários aos três primeiros Versos do Capítulo III. O Tomo I (com os comentários aos Capítulos I e II) já está disponível para aquisição. Este é o início do segundo ato: não mais a estrela em gestação, mas o Sol da Vontade em marcha.

III:1: *Verbum Sigillatum* — A Palavra Selada

O Capítulo III não principia com uma doutrina — mas com um selo. *Abrahadabra*, palavra de onze letras, não é aqui mistério oculto, mas recompensa outorgada à manifestação plena do Deus: Ra-Hoor-Khut, já coroado. Esta abertura não anuncia a busca; ela consagra a realização. Onde Nuit era véu e Hadit fagulha, Ra-Hoor-Khuit é lança em marcha — e sua Palavra, o Verbo que sela a Obra concluída.

1. **Abrahadabra: a recompensa de Ra Hoor Khut.**

Comentário de Crowley

Observe, primeiramente, a palavra «recompensa», que deve ser comparada com os termos «ocultamento» e «manifestação» nos capítulos anteriores. «Re-compensar» é «guardar novamente»; portanto, essa palavra *Abrahadabra* também deve ser considerada como um Sentinela diante da Fortaleza do Deus.

Por que o nome d'Ele é escrito *Khut*? Já vimos que ST é a terminação honorífica regular para um Deus. *Ra* é, como demonstrado no *Antigo Comentário*, o Sol; *Hoor*, o Guerreiro, Marte; quem é *Khu*? Ele é o Ego Mágico de uma Estrela. Sem o *Yod*, ou *iota*, *Khu-t* nos dá uma concepção humana; a inserção dessa letra realiza a transmutação para a Divindade. Quando, portanto, *Ra Hoor Khut* é recompensado — ou resguardado — com a Palavra Mágica do Æon, ele torna-se Deus. Assim o vemos no próximo verso: «Eu levando o encanto de Ra Hoor Khuit.»

O texto também pode ser lido da seguinte maneira: *Abrahadabra* é a Fórmula Mágica do Æon, por meio da qual o homem pode realizar a Grande Obra. Esta Fórmula é então a «recompensa» dada pelo Deus, a liberalidade por Ele concedida ao ascender à Soberania do Æon, tal como a fórmula INRI-IAO-LVX de realização por meio da Crucificação foi concedida por Osíris quando ele ascendeu ao poder no último Æon. (Ver LIVRO 4, Parte III, e THE EQUINOX, vol. I, no. 3, pp. 208–233.)

Devo dizer aqui que me vejo diante da maior dificuldade, repetidas vezes, na compreensão deste capítulo. Pode-se dizer, grosseiramente, que ao fim dos primeiros cinco anos de Silêncio (An 0–IV), compreendi o Capítulo I; ao fim dos segundos cinco anos (An X–XIV), compreendi o Capítulo II.—

Comentário de Crowley da Edição Brasileira (Ed. Bhavani, 2000)

Já vimos que *Abrahadabra* é o glifo da união do 5 com o 6, a Rosa e a Cruz. Assim, também a Grande Obra, o equilíbrio do 5 e do 6 é mostrado neste Deus: ele é quántuplo como Hórus o Guerreiro, sêxtuplo como o Ra solar. Khuit é um nome de Khem, o Deus PHALLUS-Guerreiro Macho-Duas-Plumas-Amoun; de forma que o deus inteiro representa em simbolismo cabalístico a Segunda Tríada («que todas as nações dos homens chamam o primeiro»).

É o triângulo Vermelho descendente — a única coisa visível. Pois Hadit e Nuit estão muito além.

Note-se que Ra-Hoor = 418.

Comentário de Liguori

A revelação do Capítulo III inicia-se com uma fórmula — não com um dogma. O Nome Sagrado *Abrahadabra* não apenas inaugura este último ato da trindade thelêmica, mas o consagra como realização operativa da Lei. Ao contrário dos primeiros versos dos capítulos anteriores, nos quais Nuit se apresenta como Véu e Hadit como

Fagulha, aqui o Verbo é o próprio Selo: é a assinatura da Obra já realizada.¹ Como ensinado na tradição da A·A·, *Abrahadabra* é a Palavra de onze letras que encerra a chave mágica do Æon: a união do microcosmo e do macrocosmo, do Pentagrama e do Hexagrama, do 5 e do 6. Ela é, por isso, a coroa da Rosa-Cruz e a expressão final da alquimia solar que transmuta a carne em estrela.

Esta recompensa — ou retribuição — não é dada a um homem, mas a um Deus. *Ra Hoor Khut*, manifestação coroada e conquistadora de Hoor-paar-Kraat, encarna o Espírito que desce com Lança e Relâmpago. Sua *recompensa* é, pois, o Verbo operante, a Palavra que *faz* a Grande Obra. Assim, o início deste capítulo sela sua tônica: não mais promessas místicas ou mistérios revelados em sussurros, mas a ação da Força e Fogo do Sol Central, encarnada no Filho. A presença de *Abrahadabra* logo no primeiro verso revela que o Capítulo III já começa do ponto onde os anteriores terminam — da união realizada entre Nuit e Hadit, a qual gerou não uma doutrina, mas um Verbo de Poder.

Crowley, em seu comentário, indica corretamente a função de *Abrahadabra* como *sentinela diante da Fortaleza do Deus*, uma metáfora potente para a Palavra que protege e manifesta a essência divina do Novo Æon. Sua análise linguística do nome *Ra Hoor Khut* — decompondo *Ra* como Sol, *Hoor* como Marte e *Khu* como o Ego Mágico da Estrela — é fiel à tradição da Qabalah Thelêmica e revela um entendimento profundo do simbolismo operativo dos nomes sagrados. A inserção do *Yod* em *Khu-t*, como transmutação da humanidade em divindade, é uma chave interpretativa preciosa: o *Yod* é a semente, o fogo, o PHALLUS — o impulso mágico essencial à transfiguração espiritual. Aqui, Crowley evoca não uma teologia estática, mas um processo alquímico: *Ra Hoor Khut* é feito Deus ao ser *resguardado* com a Palavra do Æon, a qual lhe confere Soberania.

A comparação final com as fórmulas INRI-IAO-LVX, vigentes no Æon de Osíris, é magistral. Revela o deslocamento simbólico: antes a Redenção era obtida pela crucificação e sofrimento; agora, pela fórmula da Vontade Pura — ação mágica e união polar, não penitência. *Abrahadabra* é a graça do novo Sol, não um credo, mas uma fórmula eficaz. A confissão de Crowley sobre a dificuldade de compreender este capítulo é profundamente honesta e revela a natureza velada do Mistério: este terceiro capítulo não se dirige ao intelecto, mas ao Coração em Fogo — e só é decifrado por aqueles que, tendo nascido na Estrela, compreendem sua Lança.

¹ No Capítulo I Nuit se apresenta como a *infinita expansão do céu estrelado* — a substância do espaço e da possibilidade, o receptáculo de toda manifestação. Ela é chamada *enfeitado céu azul*, i.e. aquilo que *cobre, envolve e contém* toda realidade. O Ela também é qualificada como um *véu*, símbolo de potencialidade, de mistério ainda não desvelado, da passividade cósmica pronta para ser fecundada. Nuit fala como a fonte do êxtase, mas sua natureza ainda está em ocultação. Ato inaugural: o chamado da Deusa ao desejo.

No Capítulo II Hadit se apresenta como a *chama secreta* no coração de toda estrela. Hadit representa a centelha de consciência individual, a *fagulha* de movimento, vontade e intensidade que penetra Nuit. Onde Nuit é o espaço do desejo, Hadit é o ponto de incandescência que deseja — o dinamismo do Ser, a consciência interior e não espacial. Como fagulha, ele é a ignição que prepara a união, mas ainda não a consoma. Ele se descreve como a *flama que queima em todo coração de homem*, e essa flama está ainda por incendiar plenamente a realidade.

No Capítulo III, não há mais convite nem preparação. A primeira palavra é *Abrahadabra*, a fórmula mágica consumada. O *Verbo* aqui não é um começo, mas uma realização: *é o Selo da Obra consumada*. Um selo, na linguagem esotérica, encerra, autentica e consagra — é o sinal exterior da realidade interior já efetivada. A Obra alquímica entre Nuit (matéria) e Hadit (espírito) foi completada, e seu fruto é Ra-Hoor-Khuit — a Criança Coroada e Conquistadora, portadora da Palavra do Æon. Ao se iniciar com a Fórmula de Onze Letras (*Abrahadabra*), o Capítulo III se estabelece não como profecia ou revelação, mas como decreto real: o Æon já está em curso.

Portanto, enquanto Nuit se manifesta como Véu (potência não realizada) e Hadit como Fagulha (impulso iniciador), Ra-Hoor-Khuit surge com o Verbo já *sacramentado*: *Abrahadabra* é a Palavra viva, é a Obra selada e ativa. Ele não fala em promessas, mas em ordens; não oferece amor ou êxtase, mas espada e conquista. É a consumação da *hierogamia* cósmica entre Nuit e Hadit.

III:2: *Divisio Liberat — A Divisão é Liberdade*

No limiar do novo Æon, já não se soletra: profere-se. A Palavra do Terceiro Capítulo não é construída — é lançada como flecha, como chama, como Verbo em marcha. A divisão aqui proclamada não é ruína, mas libertação: a estrela só é estrela porque mantém sua órbita, não porque se funde com outras. *Tudo não é alguma coisa* revela a cifra profunda do AL = LA — a dança cósmica entre ser e não ser, fogo e vazio, verbo e silêncio.

2. Existe divisão daqui em direção ao lar; existe uma palavra não conhecida. Soletrar está defunto; tudo não é alguma coisa. Cuidado! Firmai! Levantai o encanto de Ra-Hoor-Khuit!

Comentário de Crowley

«Divisão daqui em direção ao lar»; uma frase muito difícil de interpretar. Uma curiosa concatenação deve implicar um significado profundo. «Ao lar» deve significar «em direção a casa daquele» que dita. Ele diz, então, que há «divisão», que (como eu interpreto), impede o homem de ser Deus. Este é um significado natural e ortodoxo e vai bem com «existe uma palavra não conhecida». Esta palavra é *Abrahadabra*, que não era conhecida, tendo sido oculta pela soletração corrupta «abracadabra».

«Soletrar está defunto»; isto parece um eco da asserção no Cap. II, v. 5. «Os rituais do velho tempo são negros» (a palavra «defunto» é decididamente curiosa; a implicação é, «não mais capaz de satisfazer sua função»). «Soletrar» aqui então significa «pronunciar encantamentos». E isto é característico de Ra-Hoor-Khuit, que exige não palavras, mas atos (compare-se «A OPERAÇÃO DE PARIS»). Assim nós passamos naturalmente ao Verso 3. «Tudo não é alguma coisa» é uma abrogação de toda lei prévia, na ascensão de um Monarca. Ele apaga o passado como que com uma esponja.

Esta frase é também uma cifra extremamente bem feita, ou hieróglifo, da grande Chave deste Livro. Tudo (*All*, AL) não = é alguma coisa (LA). AL e LA; quer dizer, as fases do Universo X e O° são idênticas.

«Cuidado!» como se fosse dito a um soldado, «Atenção».

«Firmai!» isto é, «Ficai firmes!» Ouvi a Proclamação!

«Levantai o encanto de Ra-Hoor-Khuit!» isto é, «Aqui, Eu, o Novo Deus, pronuncio minha Palavra».

Comentário de Motta

Disparate. *Abrahadabra* já foi mencionada; é a Palavra do Æon, e a primeira palavra do Terceiro Capítulo. «Existe uma palavra não conhecida»: agora existe uma palavra, o «NÃO» (*Not*), conhecida. *Hadit* é o *Não*. «Não» é uma palavra-chave, como já vimos em comentários anteriores.

Por que «divisão daqui em direção ao lar»? Porque a palavra «não» torna impossível «misturar os planos». As ideias de «Um Mundo», «Uma Fé», «Um Povo» não conduzem à liberdade, mas ao seu oposto. Elas pressupõem que todos os homens, por mais diversos que sejam em cor, localização geográfica, histórico cultural ou idiosincrasias, devem se submeter a algum padrão geral ou ideal de ética, religião ou lei.

Ao contrário, a liberdade depende da divisão, no sentido de que cada estrela mantenha sua própria órbita. «Tudo é um!» — escuto místicos iniciantes e judeus cabalistas objetarem. Mas tudo *não é* algo. « se confundis as marcas do espaço [...]»

(vide I:52). *Ra Hoor Khuit* é o Deus que mantém cada um de nós em seu lugar apropriado, e para Ele interferir na vontade de outrem é o pior crime possível.

No passado, todas as religiões tentaram conquistar o mundo, causando assim miséria infinita à humanidade; nações tentaram tornar-se impérios, ampliando tal miséria; homens tentaram governar outros homens, em vez de governarem a si mesmos. Tudo isso acabou. As convulsões sociais, éticas e religiosas que têm sacudido o planeta desde os dias 8, 9 e 10 de abril de 1904 têm como propósito produzir esta «divisão» das Igrejas Estabelecidas, dos Impérios e dos «deuses dos homens» em seus elementos componentes. *Eu não sou meu vizinho* — o que significa que, acima do Abismo, *eu* e *meu vizinho* somos Nenhum. Mas se eu dissesse «eu sou meu vizinho», como fazem místicos imperfeitos por toda parte, eu estaria afirmando não o amor — pois o amor pressupõe dois (cf. I:28–30) — mas a confusão, e meu vizinho teria razão em me temer. Na prática, pessoas que afirmam «eu sou você» acabam querendo usar a sua carteira como se fosse delas.

Este é um ponto muito importante para qualquer um que deseje compreender o Terceiro Capítulo.

«Tudo» é, é claro, Pã, e o Iniciado é Pã — ver a análise de VIAOV no LIVRO QUATRO, Parte III, Capítulo 5. Embora *Ra Hoor Khuit* esteja proclamando uma Nova Palavra, Ele na verdade não está mudando nada. «Tudo é sempre como foi». Ele está apenas fornecendo uma clarificação do Conhecimento existente. Sua Proclamação é para o Universo Mágico o que a Teoria da Relatividade de Einstein é para a Física Newtoniana. Ela não muda nada, mas nos fornece uma melhor compreensão de tudo, por meio da qual podemos fazer um uso mais eficiente da Energia existente para um controle mais eficaz do nosso ambiente.²

«Tudo não é alguma coisa»: cabalisticamente, *Not* = 31; *Aught* = 1 + 6 + 3 + 5 + 9 = 24. 24 + 31 = 55. Parece, então, que «Tudo» (*All*) é um nome técnico para o Adepto Maior na Corrente Thelêmica, sendo 55 um número de *Geburah* utilizando a Luz Positiva, 5 × 11. Ver LIBER VII, IV:29 e VII:3.

Comentário de Liguori

O segundo Verso deste Capítulo já soa como uma proclamação militar: é um clarim em código enigmático, cifrado como uma marcha de guerra espiritual. *Existe divisão daqui em direção ao lar* — tal expressão encerra o espírito da nova revelação: não há retorno à unidade indiferenciada dos místicos do *Æon* passado. *A divisão é a salvação*. O lar — símbolo da unidade ilusória, da fusão sem identidade, do passado sagrado — deve ser deixado para trás, pois o Deus Guerreiro marcha para frente. Há uma nova palavra, e ela é desconhecida não por ocultação, mas por ruptura: *o que se rompeu não se soletra mais*.

² A analogia de Motta entre a Proclamação de Ra-Hoor-Khuit e a Teoria da Relatividade de Einstein visa ilustrar o caráter revolucionário, não por subversão dos fundamentos, mas por *refinamento da compreensão estrutural do sistema*. Assim como a Relatividade Geral de Einstein (1905–1915) não destruiu as leis da Física Newtoniana, mas as reinterpreto dentro de um arcabouço mais abrangente — aplicável sobretudo em regimes de velocidade próxima à da luz ou campos gravitacionais intensos —, o Verbo de Ra-Hoor-Khuit não contradiz as Verdades anteriores do *Æon* de Osíris, mas as transcende e reconfigura em um sistema mágico e iniciático mais refinado. No contexto thelêmico, *isto não implica ruptura com o passado, mas superação por integração*. A Palavra do *Æon* reorganiza o campo mágico da Consciência à semelhança do que Einstein fez com o campo físico: altera profundamente as possibilidades operacionais e epistemológicas, sem negar as leis anteriores — apenas delimitando seu domínio de validade. Do ponto de vista da prática mágica, isso significa uma nova orientação da Vontade para com o Universo, onde a *liberdade de cada estrela é o axioma, e a interferência mística-coletivista é rejeitada como resíduo newtoniano de um mundo causal morto*.

Soletrar está defunto: a palavra já não se constrói letra por letra, pela ortodoxia esotérica dos rituais antigos, mas *explode como Verbo encarnado*, em raio e fúria, como lança simbólica do Deus que atravessa os céus com seu manto escarlate. A magia agora é o gesto e a estrela, não mais a doutrina e o dogma. Aqui, de fato, *Tudo não é alguma coisa* — *All is not aught*. Essa frase, como cifra mística, revela a alternância cabalística entre *AL* (Tudo) e *LA* (Nada), os polos sagrados do Manifesto e do Oculto, do Êxtase e do Silêncio. O universo pulsa entre essas fases, como o próprio Iniciado que, sendo *Tudo*, sabe-se ao mesmo tempo *Nada*. Como está escrito em LIBER VII (IV:29): *Nem cantei isto mil vezes por noite durante mil noites antes que Tu viesses, Ó meu Deus flamejante, e me perfurasse com Tua lança*. Este é o fim da palavra — porque é o início do fogo.

Assim também no Verso VII:3, vemos: *para que o Deus flamejante possa se enfiar através do firmamento com sua lança fantástica*. A palavra não é mais soletrada — ela é lançada. E o próprio Iniciado, consumido na chama do entendimento, torna-se Pã: *Tudo*, na dissolução dos contrários. Como explica Motta, *Tudo* é, esotericamente, *Pã*, e o Iniciado é *Pã*. Isso é detalhado na análise de VIAOV no LIVRO 4, Parte III, Capítulo 5, onde a fórmula mágica é revelada como chave da identidade entre o adepto e o universo: um ponto de êxtase, de identidade radical com a energia viva do Cosmos.

Crowley reconhece, com honestidade, a dificuldade da expressão inicial: *divisão daqui em direção ao lar*. Sua leitura — de que essa divisão impede o homem de ser Deus — ainda parte do paradigma da unidade como ideal. Ele identifica com acerto o colapso do encantamento (*soletrar está defunto*) e remete à ação mágica, ao invés da palavra: *o tempo dos rituais esvaziados terminou*. No entanto, sua suposição de que a *palavra não conhecida* seja *Abrahadabra* contradiz o próprio texto — e Motta é incisivo ao expor essa falha. *Abrahadabra* já foi dita. A palavra nova é *Not*, o Não divino de Hadit: a negativa absoluta de identidade, que preserva o centro puro da Vontade. A nova Palavra é *vazia*, pois opera como antídoto ao *Logos* totalitário dos velhos Æons.

Motta, por sua vez, oferece um comentário cirúrgico e libertador. Ao apontar que a verdadeira liberdade não está na unificação, mas na preservação das órbitas individuais das estrelas, ele restaura o sentido profundo da «divisão». Seu ataque à idolatria do universalismo ético, racial ou religioso é não apenas filosófico, mas iniciático: *a Vontade só é livre quando singular*. Sua ironia mordaz — *quem diz «eu sou você» quer sua carteira* — desnuda os perigos da falsa fraternidade mística. O Iniciado, na *Corrente 93*, não se dissolve no Outro: ele se torna o Deus Flamejante que lança sua lança entre mundos, mantendo a distância sagrada entre as estrelas.

A conclusão de Motta é uma chave mestra: *Ra-Hoor-Khuit não muda o Universo, mas o revela com mais clareza*. Assim como Einstein não destruiu Newton, mas refinou o mapa do mundo, o novo Verbo permite uma leitura mais lúcida da realidade mágica. Com *Not*, *All*, *Pã*, 55, e a geometria da lança escarlate, inauguramos um espaço iniciático onde a palavra é silêncio inflamado — e a divisão é liberdade.

III:3: Deus Belli et Vindictae — O Deus da Guerra e da Vingança

A revelação thelêmica atinge aqui sua nota mais estrondosa: a Força manifesta-se como exigência absoluta. Ra-Hoor-Khuit declara sua natureza ígnea, implacável e ativa. Não se trata de metáfora moral — mas de lei cósmica: o novo Deus não conforta, não apazigua — Ele força. Sua dureza não é punição, é impulso: o de obrigar-

nos a realizar nossa Vontade ou perecer em sua negação. Aqui começa o julgamento pelo Fogo.

3. Agora seja primeiramente compreendido que Eu sou um deus de Guerra e de Vingança. Eu lidarei duramente com eles.

Comentário de Crowley

Não parece necessário comentar. A Grande Guerra é uma mera ilustração deste texto. As únicas nações que sofreram são aquelas cuja religião era Osiriana, ou, como elas se dizem, cristãs. A exceção foi a Turquia, que foi suficientemente tola para abandonar os princípios do Islã e formar uma aliança profana com os Giaour. Abdul Hamid nunca teria procedido como um tal asno quanto a quadrilha degenerada de «liberdade e progresso»; que chacais conspurquem as piras dos seus pais caninos.³

Deus de Vingança é em grego Aleister. Por algum motivo que eu não pude traçar, este Deus se tornou ALASTOR, o Demônio do Deserto dos rabinos, e mais tarde «O Espírito da Solidão» de Shelley. A atribuição é bem apropriada, a raiz sendo aparentemente A AOMAI, «eu vago». A ideia de «Ir» é horrível para o cristão, de forma que um vagabundo é «amaldiçoado». Mas, parece-me que «se estabelecer na vida» é abandonar a atitude heroica; é aquiescer na estagnação do cérebro. Eu não quero ter conforto, ou até mesmo prolongar a vida; eu prefiro me mover constantemente de galáxia a galáxia, de uma encarnação a outra. Esta é a minha Vontade individual íntima. Parece como se este «deus de Guerra e Vingança» é então meramente um que fará com que os homens executem suas próprias Vontades, Indo como fazem os Deuses, em vez de tentar impedir o irresistível curso da Natureza.⁴

PS: El. Ouid. Algeria, An XX. O terror da Síria no Reino de Omã foi o grande soldado e administrador Melekh-Al-Astar. Possivelmente mães judias costumavam amedrontar seus filhos manhosos ameaçando-os com este «demônio do deserto», e os Rabinos incorporaram o «bicho papão» em sua hierarquia aversa.⁵

³ [Nota de Motta] Devido à sua criação cristã na infância, Crowley reagiu de forma exagerada ao Cristianismo durante seus trinta e quarenta anos. Todas as religiões são amaldiçoadas por Ra-Hoor-Khuit, incluindo o Islã; e, como o tempo provou, todas as nações do mundo devem sofrer o impacto do Senhor do Æon.

⁴ Nesta passagem, Crowley estabelece uma cadeia etimológica e simbólica entre o nome *Aleister*, o termo grego *Alastor* e o conceito espiritual de um Deus guerreiro, errante e vingativo. Etimologicamente, *Alastor* (Ἀλάστωρ), no grego clássico, designava um *vingador implacável*, associado aos *espíritos da vingança familiar* e, mais tarde, identificado entre os *daimones* ctônicos ou agentes da retribuição divina (como as Erínias). Por extensão, *Alastor* tornou-se um epíteto de Zeus nos contextos em que ele age como executor da justiça sangrenta. No período romano e tardo-antigo, o termo foi demonizado nas tradições judaico-rabínicas e gnósticas, e mais tarde associado a uma figura tenebrosa — o *demônio do deserto* que aterroriza os filhos de Israel.

Crowley, em tom reflexivo, apropria-se da raiz grega *αἰμαί* (*aomai*), *vagar, errar, perambular*, para justificar a ligação espiritual entre seu nome (*Aleister*) e o arquétipo de *Alastor* como *espírito errante e vingativo*. Essa leitura é consistente com a visão do Iniciado como aquele que se move por entre os mundos, de encarnação a encarnação, sem buscar repouso ou segurança. A rejeição do *estabelecimento na vida* — que ele identifica com estagnação cerebral — é uma recusa ativa do ideal cristão de estabilidade e submissão. Em lugar disso, o verdadeiro Adepto segue o curso de sua própria Vontade, como os Deuses que *vão* incessantemente.

Por fim, a menção ao poema *Alastor or The Spirit of Solitude* (1816), de Percy Bysshe Shelley (1792-1822), não é acidental. Nesse texto, o protagonista é um jovem poeta idealista, que busca obsessivamente a figura do *Espírito da Beleza* em meio à natureza e ao êxtase visionário, mas termina por perecer solitário. Crowley vê neste *Alastor* não um fracasso, mas um símbolo do Caminho do Adepto: solitário, errante, intransigente, devorado pela própria Vontade. Assim, o *Deus de Guerra e de Vingança* não é um tirano sedento de sangue, mas a própria encarnação do Princípio de Movimento, que destrói toda estagnação e obriga os homens a se tornarem aquilo que já são em essência — *estrelas em órbita flamejante*.

⁵ Nesta passagem, *El. Ouid. Algeria, An XX* indica o local e a data em que Crowley redigiu o comentário: *El Oued*, no deserto do Saara argelino, no vigésimo ano da Era Thelêmica (1924 E.V.). É significativo que ele tenha escrito sobre o *demônio do deserto* justamente em uma região marcada por sua vastidão árida e história de conflitos tribais e religiosos — o que reforça o pano de fundo simbólico de sua reflexão. Ele menciona *Melekh-Al-Astar*

Comentário de Liguori

Este verso estabelece o tom inequívoco do Capítulo III, cuja voz é a de Ra-Hoor-Khuit, o Deus-Criança coroado e conquistador — não mais uma divindade sacrificial, redentora ou maternal. A vingança aqui não é emocional, mas cósmica: é o restabelecimento da Lei por meio do Fogo. A guerra não é contingência histórica, mas um movimento arquetípico do *Æon* — ela é *o processo pelo qual os homens são obrigados a tornarem-se deuses ou a se desintegrarem*. Ra-Hoor-Khuit não é moralista nem tirano: Ele é o impulso do Cosmos que não tolera falsidade espiritual. O mesmo fogo que ilumina consome. Ser lidado *duramente* por Ele não significa ser punido com ira cega, mas ser submetido à fricção da Vontade: *ou nos tornamos Vontade pura — ou somos triturados por ela*.

O aspecto *vingador* desse Deus é inseparável de sua natureza solar, marcial e heróica. Como o *Alastor* de Shelley — *o espírito da solidão* que persegue o ideal a despeito da morte — Ra-Hoor-Khuit exige do Iniciado que ele vá, que ultrapasse, que rompa com a estabilidade estéril da existência humana domesticada. O Deus é um motor de transcendência, não um símbolo de estabilidade ou consolo. Ele não está aqui para confortar, mas para incendiar. Seu trato é duro porque sua exigência é a verdade da Vontade — e esta, quando negada, transforma-se em catástrofe.

A interpretação de Crowley neste verso revela tanto sua perspicácia profética quanto seus limites circunstanciais. Sua associação entre a Grande Guerra e a punição das nações *osirianas* reflete uma leitura política e religiosa da História como teatro de cumprimento profético. Ainda que sua visão da Primeira Guerra Mundial como consequência do colapso espiritual do Cristianismo seja consistente com o espírito de LIBER AL, sua crítica à Turquia — e à aliança dos *Giaour* com os reformistas — é atravessada por juízos reacionários e idiossincráticos. A leitura teológica de Crowley é válida na estrutura simbólica, mas imprecisa em sua literalidade histórica.⁶

como um *grande soldado e administrador* do Reino de Omã, que teria aterrorizado a região da Síria — talvez uma memória folclórica ou distorção lendária de algum personagem histórico. *Melekh* (מֶלֶךְ) significa *rei* em hebraico, e *Al-Astar* aqui é interpretado como um título ou nome próprio que remete diretamente a *Alastor*, o espírito vingador.

A ideia de que *mães judias* teriam usado o nome de *Melekh-Al-Astar* como bicho-papão apela a uma estrutura comum do imaginário popular: o uso de figuras demonizadas como instrumento pedagógico do medo. No folclore semita, especialmente entre judeus e árabes, há uma longa tradição de incorporar figuras mitológicas hostis como meio de controle infantil, frequentemente transformando inimigos políticos ou traços culturais estrangeiros em entidades monstruosas. Esse processo — conhecido na antropologia como *demonização folclórica* — também explica a incorporação de nomes como *Lilith*, *Asmodeus* ou *Samael* em hierarquias rabínicas como *shedim* (espíritos), mesmo quando originalmente tinham outros contextos.

Ao sugerir que os rabinos teriam incluído *Alastor* na *hierarquia aversa*, Crowley indica que a demonologia judaica teria absorvido esta figura de origem estrangeira (possivelmente helenística ou islâmica) por via folclórica. No entanto, tal conexão é conjectural e não possui respaldo textual direto em fontes rabínicas clássicas. Ela funciona aqui mais como uma *reflexão mítica e poética*, coerente com o espírito thelêmico de transvalorização simbólica, do que como uma afirmação filológica. Nesse sentido, a evocação de *Melekh-Al-Astar* é menos uma nota histórica do profeta e mais um oráculo do magista — transmutando o *terror do deserto* em arquetipo da soberania errante e da Vontade vingadora dos Deuses.

⁶ A análise de Aleister Crowley sobre a Primeira Guerra Mundial, tal como expressa neste comentário ao Verso III:3 de LIBER AL VEL LEGIS, insere-se em seu esforço contínuo de interpretar os eventos históricos como manifestações simbólicas da transição entre os *Æons*. Para Crowley, o conflito global de 1914–1918 E.V. não foi meramente uma disputa entre potências imperiais, mas a primeira grande purgação do *Æon* de Hórus: a vingança inevitável contra as estruturas decadentes do *Æon* de Osíris, cujas instituições religiosas (em especial o Cristianismo) haviam se tornado obstáculos à Verdadeira Vontade.

Esta perspectiva está em harmonia com o tom do AL, que rejeita as formas sacrificiais, penitenciais e coletivistas do *Æon* anterior. Na visão thelêmica, o Cristianismo — como culto da dor redentora — precisava ser destruído para dar lugar ao novo paradigma solar, heróico e individualista. Nesse sentido, Crowley acerta ao identificar na guerra um mecanismo arquetípico de transição mágica: *o trato duro* do Deus de Guerra é um símbolo da reestruturação cósmica da civilização humana sob novas leis espirituais.

Mais profunda, contudo, é sua meditação sobre o nome *Aleister* e a figura de *Alastor*. Ao aproximar seu nome do espírito errante, guerreiro e solitário, Crowley expressa a essência nômade da Vontade: aquele que *não se fixa*, que *não busca conforto*, que *não aceita domesticação*. Sua crítica à *estagnação do cérebro* é uma acusação contra toda forma de vida que rejeita a inquietude divina. Como os Deuses, o Adepto deve *ir* — mesmo que em fogo, mesmo que em guerra. E assim o *deus de Vingança* se torna, nas palavras de Crowley, *o que força os homens a executarem suas Vontades*. Este é o sentido último da dureza do novo Deus: Ele é o próprio motor da Iniciação. Não há clemência, mas há justiça. Não há piedade, mas há Verdade.

CONCLUSIO: VERBUM INCENDENS: A PALAVRA QUE QUEIMA

Os comentários aqui apresentados são mais do que uma exegese: são uma continuação viva da Tradição. Marcelo Motta, que deu corpo ao trabalho de Crowley em língua portuguesa e lutou pela transmissão legítima da A.:A.: após Germer, é finalmente restituído em sua inteireza — com comentários até então suprimidos, censurados ou truncados por edições parciais. Sua leitura, rigorosa e por vezes cortante, ganha nova vida com o aparato crítico de Fernando Liguori, que a contextualiza, expande e dialoga com a prática mágica contemporânea.

Para estes dos Tomos repusemos trechos omitidos nos manuscritos nacionais, restauramos interpolação de fragmentos ausentes e inserimos notas de rodapé doutrinárias, históricas e filológicas. Esse esforço filológico visa não apenas recuperar a profundidade da voz de Crowley, mas evidenciar como sua hermenêutica do LIBERAL evolui da recepção em 1904 E.V. até sua maturação nos comentários finais, revelando o entrelaçamento místico, ético e mágico da doutrina da Lei de Thelema. Trata-se, assim, da primeira edição em língua portuguesa a apresentar os comentários do Mestre Therion editados por Motta em sua plenitude crítica e sistematicamente contextualizados com os escritos da A.:A.: e da O.T.O.

Esta não é uma edição para os curiosos: é para os que ardem. Cada palavra é uma lança. Cada versículo, uma operação de iniciação. A publicação do Tomo II marca o avanço da Obra no Brasil e afirma a permanência da *Corrente 93* através do trabalho da *Ordem dos Thelemitas*, sob o selo do *O Olho de Hoor*.

Que os que têm ouvidos, ouçam. E que aqueles que têm lanças, avancem.

Amor é a lei, amor sob vontade.

Contudo, ao aplicar esta estrutura simbólica à conjuntura geopolítica imediata, Crowley cede a juízos idiosincráticos e por vezes caricatos. Sua crítica à Turquia — por ter abandonado os princípios do Islã e aliando-se aos *Giaour* (termo pejorativo turco-otomano para *infieis*) — reflete não apenas sua repulsa à modernização laica e secular promovida pelos Jovens Turcos, mas também uma nostalgia romântica por estruturas religiosas orientais que ele idealizava. Neste ponto, sua análise pende para o reacionarismo — interpretando os processos de modernização como decadência espiritual, e ignorando os fatores internos de opressão e autoritarismo presentes no antigo regime otomano.

Historicamente, a queda do Império Otomano e sua posterior reorganização sob Atatürk representaram tanto a desintegração de um sistema teocrático quanto a tentativa de fundação de um Estado nacional moderno. A leitura crowleyana, portanto, é mais útil como hermenêutica profética-esotérica do que como análise histórica literal. Ela revela a visão de mundo de um magista que lê o Séc. XX como ritual apocalíptico — mas exige, do leitor contemporâneo, a capacidade de distinguir símbolo de fato, mito de processo. O que nela permanece válido é o diagnóstico de uma crise espiritual no cerne da civilização ocidental — mas sua aplicação às nações específicas requer, hoje, leitura crítica e contextualizada.

A publicação de *Os COMENTÁRIOS DO AL* por Marcelo Ramos Motta em 1975 e.v. constituiu um marco definitivo na história contemporânea da A.:A.: e na transmissão moderna da Lei de Thelema. Pela primeira vez desde a morte de Aleister Crowley (1875–1947), *LIBER AL VEL LEGIS* foi publicado com Imprimatur Oficial da A.:A.:, acompanhado de notas autorizadas e do aparato interpretativo de um Præmonstrator vivo, herdeiro direto da cadeia iniciática. Essa edição não foi apenas um gesto editorial, mas um ato mágico e profético: reabriu formalmente o *Período de Discurso* da A.:A.: e restaurou a sucessão espiritual visível entre Aiwass, Crowley, Karl Germer e Marcelo Motta.

A presente edição de *OS COMENTÁRIOS DO AL* é publicada como *O OLHO DE HOOR*, Vol. II, No. 1, e traz de volta, na íntegra, os comentários originais de Motta tal como escritos por ele entre 1973 e 1975 — incluindo os trechos omitidos nas edições brasileiras publicadas até o presente. O livro será acrescido de comentários exegéticos do Præmonstrator do *Outer College Brasil*, cruzando *LIBER AL* com *LIBER VII*, *LIBER LXV*, *LIBER 418* e outros *Libri* thelêmicos essenciais, compondo um corpus doutrinário fiel à *Corrente 93*.

Este livro deve ser compreendido como um verdadeiro talismã mágico da *Corrente 93*. Sua publicação original, em 1975, foi considerada o estopim do renascimento mundial da A.:A.:, sendo reconhecida por autores como J. Daniel Gunther como o momento em que *o movimento thelêmico mundial se tornou vivo*.

Esta nova edição honra esse legado, atualizando o comento para uma nova geração de thelemitas em português. Que este volume seja recebido como uma obra ritual, um documento iniciático e um testamento vivo da *Corrente 93*.

